



Roberto Curi Hallal



PONTE ROMÂNTICA

Livro 16

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal





Roberto Curi Hallal

© 2018 Roberto Curi Hallal

Produção Editorial
Gilberto Strunck

Preparação de originais
Carmem Hanning

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



A JOVIALIDADE

A jovialidade não combinava com números, a cordialidade pulava os calendários, o ir encontrava o vir, começava um encontro amoroso entre o claro e o escuro. Era tempo de pactos entre o retiro e o encontro.



FINGINDO

Acordei fingindo que estava feliz, que nada aconteceu, mas dentro dos impossíveis adoraria voltar no tempo, tirar férias do presente, ou quem sabe até avançar, me refugiando no futuro.





É TARDE DA NOITE

É tarde da noite, cato sonhos que valham a pena, eles parecem fugir de mim, desconto na insônia outros desagradados, desregrado passo horas olhando um teto já memorizado, uma lembrança gasta pela recorrência. Cancelo as saudades, antes que se tornem um vício.



ESVAZIO A MEMÓRIA

Entre os dias tolerados e os festejados busco motivos para comoções e outros sonhos, entre os recentes e os adiados, entre a coragem de criar e visitar os acontecidos, onde os ecos moram. Esvazio a memória que, agradecida, comemora o alívio.

LIXÕES PRESERVADOS

Tento ficar intacto em meio de enfileiradas denúncias. O Brasil ficou podre? Ou era assim e eu não notava? Os negócios, os prêmios, os títulos, os balanços? Tudo uma atuação profissional, e os políticos, seus pequenos interesses e grandes fortunas, e os juízes que não julgam, e quando julgam condenam o pequeno e aliviam o grande, recompensam e são recompensados. Há alguns lixões a serem visitados. Faltarão agendas e promotores.



EVITO AUDIÊNCIAS

Evito audiências, nunca tive capacidade para a negociação, logo perco a paciência. Convencer quem não escuta é um teste para cardíacos. finjo ser feriado para não aumentar minha impressão de ser um inútil, coisa que facilmente os tolos nos fazem sentir frente a seus crônicos labirintos.

BEIJOS GUARDADOS

Tenho beijos guardados, não dados, à espreita de tua chegada. Tenho tantos beijos brotando espontâneos, crescentes, reservados, primitivos, fraternos, eróticos, provocativos, pueris, com e sem história, causa e consequência. Longos e tranquilos, furtivos e apressados, invasivos, humildes e ambiciosos. São beijos para todas as intenções. Beijos que acolhem e se despedem.



DITO

Do fundo da minha alma calo e assisto a um sentir que faz mais sentido sendo quieto que dito.

LACRES

Não tenho autorização para saber quem recolhe a luz, quem guarda o sol e deposita em mim este repetido cansaço. Deixando-me abraçar pelo sono, abandono o dia descolorido, fico a esperar que o sonho me povoe de imagens. Transpiro na cama um último esforço antes que nos meus olhos se depositem lacres.



CATO ENREDOS

Não há mais espaço para o que me importa. Agora sei o quanto é sério controlar tantas vontades. Possivelmente, forças acessórias, relegadas a um canto em desuso, recuperam sua ânsia para atendê-las. Quando eu já estava silencioso despejaram em mim urgências. Enquanto me debato, sinto-me farto de abraços breves, de retiradas sem aviso, de tantas bocas usadas, de tantas almas magoadas. Todas as proteções tentadas ficaram nas promessas, todos os refúgios ocupados. Cato enredos para definir a próxima cena.

PERDI A VONTADE

Minha vontade vem diminuindo progressivamente. Escolher vai ficando difícil, ser escolhido ainda mais difícil. Fazer sentido rareia, ter razão já não importa. tanto, Talvez exista alguma esperança, mas tampouco ando tendo vontade de procurar. Espero que isso seja passageiro. Então, vai ver que esgotou a bateria...



ESGOTEI O REPERTÓRIO

Acho que já esgotei o repertório dos segredos, não entrei na etapa auto confessional das redes fofocais e outras cibernéticas nada confiáveis. Não acredito em gerenciador de mensagens depois das denúncias. Ao saber da espionagem nos meus e-mails, passei a falar mal dos estados unidos da américa do norte de propósito e por convicção, nesta ordem, só pra chatear os voyeurs e os simpatizantes.

MENOS ALUMÍNIO

Quero madeira, ferro e cobre, odeio alumínio, pois além de ser um metal de menor categoria, tenta copiar os outros, se mete na cozinha como se fosse sua, nas janelas expulsando as madeiras como se pudessem alcançar a nobreza. Lamento que copiem, finjam ser o que não são. Parece-me que o alumínio foi inventado em algum momento de descontração, de falta de compromisso com a qualidade. Não consigo pensar numa caneca de alumínio abrigando com deferência um café com leite, um chocolate quente, nem um risoto de camarão com aspargos feito numa panela desse material. Imagino que alguma função deva ter; se assim for, peço-lhe perdão por minha falta de atração.

TANTAS DORES

Guardo todas as dores que preciso chorar, dores já não doídas, dores arrependidas, dores de falta, dores de garganta, de ouvido, de amores morridos, dores de ausência, dores esticadas e encolhidas, dores por amigos, pelos mortos, pelas canções doídas, pelos livros, dores escondidas, dores emocionadas, dores espontâneas, dores perdidas, dores obtidas, dores fictícias, dores dos partos, das fomes moídas, dores crônicas e passageiras. Assisto todas as dores.



A ESPERA INFINITA

Inventarei novos versos com a pretensão de que sejam melhores do que aqueles que já fiz. Trabalharei com esforço nossa união, para que a intimidade se declare em forma de amor ou outra qualquer. Falta-me pouco para declarar-me definitivo. Chegarei a tempo.

ACERTO DE CONTAS

Um dia, abandonarei as ataduras, teimarei, jurarei em vão, sonharei emprestado, concluirei um acerto com o passado, livrarei o tempo para que o antes viaje até mim e se instale como garantia, quando então proveerei um estoque de motivação e entusiasmo.



MINHA SOMBRA

Minha infância é minha sombra, vai comigo aonde vou, me faz gritar canções de ninar, tristes guardados. Quero, por um lado, acabar com os espantos; por outro, esses lutos delirantes. Busco amparo são tantas as saudades.

ESFORÇO

Esforço-me para ser uma pessoa melhor, mas não consigo, sou repetente, meus rituais particulares têm grande influência sobre mim, reinventar-me terá um adiamento. Não passo ileso. Escrevo textos, enredos, e sempre estou lá, sendo o mesmo que chora fácil, inventa sentires, imagino que a felicidade nunca acaba e outras trilhas menos complicadas. Sigo pensando para alcançar as graças e por não haver nunca sido alcançado por elas.

UMA PERMISSÃO

Antecipo uma permissão, sinto uma dor que é deles, educados para obedecer, ficam quietos, não se animam a fazer tudo o que sabem, esperam permissão, fui escolhido a dedo, sabiam minhas respostas, aprenderam a não improvisar, a não se submeter e a salvar a safra que lhes foi proibido plantar. Absolutamente incapazes de qualquer autonomia ensaiam desobediências. Não sei se irão querer que eu volte, mas vou seguir dando toda a permissão que me pedirem, ficam as perdas, faço-me cúmplice da libertação.

UM GESTO INVENTADO COMO GRITO

Um gesto inventado como grito afugenta a espantosa solidão me faz ver reduzido a algumas penas colaterais. Não consigo demitir essa vontade de ir, aceitar-me entrando por um único lugar onde a previsibilidade não alcança chegar. Empenho-me em não ser vulnerável, me agarro em alguma abundância que me encoraje a não perder a dignidade por saber que os anjos não estão disponíveis para consolar desencantados.



COMO ESTÁ

Deixo tudo como está, nos seus devidos lugares. Implanto, transplanto, refaço. Procuo canteiros. Amo por varejo, necessito por atacado. Doo as sementes. Se não saírem as flores, prometo que apresentarei as raízes.

ANTECIPAÇÃO

Antecipando tristezas, minha voz diz o que sofro, desperta o tom que provocando o efeito indesejado. Crio aversões naquele que me ouve. Diga o que disser, falo da dor suprema, da dor crônica, da dor doída e doída, das agonias. Espero que me alcancem ajudas definitivas, profundas, únicas que exonerem as penas que hospedo.



SE PUDER, CONTO VERDADES

Acaso não é suficientemente vasta a solidão para convencer a fuga da companhia? Extraviados intencionalmente os caminhos, não precisarei nada mais que encontrar algumas verdades. Não as conheço, prometo fazê-lo. Quando encontrá-la, o anúncio terá prazo, por ora, nada direi.

O MAIOR OBJETIVO DO DIA

Não sinto a menor inspiração para falar do banal, do trivial, do que está aí para todos saberem (e não sabem). Não gosto da sensação de que poucos sabem. Não há encanto nesse vazio que torna autênticas as cópias e determina que um selfie seja o maior objetivo do dia.



OS RELÓGIOS

O meu tempo foi novamente reduzido, ele não para de sequestrar meu presente. Oficialmente se instala diferente a cada hora, se mete na nuvem, na chuva, no vento, na seca, no verão, na primavera, no mar, no livro, mas seu lugar preferido são os relógios que mudam de cor, gemendo as horas, obrigados a caminhar sem parar, eternos.

REMONTANDO O TEMPO

Remontando o tempo redescubro um rosto que suponho tenha sido de minha mãe muito jovem, em um tempo de olhares perplexos, fitando o flash, com a ingenuidade de quem se procura no fundo do olhar alheio, persuadida a posar junto de duas irmãs, uma mais velha e outra mais moça. Estavam longe de descobrir que em suas vidas ainda assistiriam a mais 13 gravidezes de sua mãe. Remontei várias imagens, dela e minha, com a vantagem de haver sabido seus destinos. Desta forma, revirei o tempo da natureza, admirando uma desconhecida criança que só havia conhecido como adulta. A duração física, fugaz, entrelaçada no tempo e na curiosidade da concomitância.

O QUE INVADE

Andava entre o triste e o curioso. É que essa dor lhe invadiu quando menos se esperava, lentamente fez voar em varias direções o medo de nunca se encontrar nessa terra desconhecida, tornando-se uma aventura perdida. Esteve em mau estado, não sabia bem o que esperar, tanta angústia, tão frágil que o previsível se abraçava ao nada. Em silêncio, por momentos posso ouvir todos os seus gemidos. Tudo se move em torno do momento em que pressinto um adeus.



INVENÇÕES

Olho atrevido quando invento agrados, expresso-me sempre que surge a inspiração, sei fazer quando tenho vontade. Ouço com apetite, rascunho peles, apago rancores, mágoas, cicatrizes. Divido, quando necessário faço de tudo, odeio com ânimo sou de me vingar, blasfemo, ofendo, minto. Finjo-me de voluntário, corro como água da fonte, me escondo. Guardo as cartas marcadas, invento histórias, seco lágrimas, dou colo, prometo tudo. Sou ar, fogo.

INVENTOS

Invento fórmulas para ficar só como um devoto, faço-me passar por alguém que sabe exatamente o que deseja. Quando se trata de viver, mudo de tema. Deixo o amor sob custódia até que a razão o expulse e o faça desaparecer. Mostro o excesso como se fosse intensidade. Oferto uma espontaneidade programada, tiro o sabor e o gosto de cada ato que, cooptado por rituais, se automatiza. Depois disso tudo, minha alma se esvazia, busca uma sombra para ficar só.



INCAUTA CRIANÇA

De que vale queixar-me, se a aprazível fantasia que tanto contribuiu para construir minha alegria foi apenas mais uma irreverência, um quase disfarçado sofrimento ocupando um lugar que foi meu quando eu ainda era uma incauta criança. Foi quando perdi ou guardei a inocência onde não sei. Desapareceu, assim

INÚTIL REPETIÇÃO

Minha esperança corre em sentido contrário ao da vida. Minha debilitada atenção foge do meu controle. O desânimo maior provém da falta de diálogos, pesada solidão.



ÍNTIMO

O recolhimento, o abrigo da casa, a lembrança chegando às pressas para festejar a data. Havia uma relação essencial entre eles e eu, havia muito mais; faziam a existência mais intensa nos deixando com vontade de viver, viver, viver.

DOS LIMITES

Divido-me entre a certeza e o esquecimento para não cair na tentação de descobrir algo que não sei a meu respeito. Os limites da imaginação falam positivamente das ilusões, delírios e saudades agarrados na experiência passada.



BUSCANDO AMPARO

Buscando amparo, pronuncio preces à natureza, concessão de uma vida ordenada, dias prazerosos, tolerância o direito de paz alcançada, tenacidade nos propósitos e de alcançar a velhice com saúde para sustentar e reafirmar as teses de convicções na vida.

como todos aqueles que magicamente transformavam em possíveis todos os impossíveis.

Tento, mas não consigo demitir essa vontade de voltar, aceitar-me criança, dando à maior das dores o tamanho do medo maior, quase igual ao medo infantil que tanto me atormentou por temer o abandono.



INCÔMODO

Volto voando alto, pelas margens. Sem tumultos, me movo em direção a algum delírio onde caiba o tanto que adiei, escapado como um louco, fugido do esquecimento. Dou nome aos pedaços distribuídos por todos os tempos que vivi. Torno atual uma próspera capacidade de restituir um caminho. Favorável a essa interiorização, nem sempre posso menear esses negócios temporais ao meu sabor.

CALO A FRANQUEZA

Coberto e escondido em estilos e personagens virtuosos, desequilíbrio destaques, dando um lugar especial para o palhaço que nunca pude ser. Coletó histórias, transporto notícias para melhor suportá-las. Alcanço tanto, que não disponho mais daquele que fui, já não posso perder tempo procurando um modo de acabar memórias. Apago incômodos indesejados. Planejo, um dia desses, livrar-me de todas as ponderações que me mandam calar a boca e fingir-que-não-é-comigo. Calo a franqueza.



ANDA E PESA

Domo meu sofrimento, retenho-o tolerável, limito a dor para que ela não se acostume. Mudo o ângulo para não me acostumar a ela. Aprendo a desenvolver certa empatia para que não se ofenda até converter-me em testemunha eterna. Propus-lhe uma trégua nessa luta,

LEMBRANÇA E MEMÓRIA

Como guardar em mim as lembranças que ainda são presenças e fazê-las viventes, mais que sobreviventes, ainda que o vazio imponha sua força.



QUANDO NÃO POSSO

Quando não posso optar pelo esquecimento, luto para ver o que posso fazer. Componho a postura, recupero o sentido. Na mediação, se misturam sujeitos, verbos e predicados.

PRIMEIRO SUSTO

Depois do primeiro susto, acostumei-me a brincar buscando em lugares conhecidos. Aonde habitem o consolo não compete com o desconsolo e a crueldade com a dor. Os primeiros sustos fazem recordar que o amor é uma coisa que pode se perder.

***FÚTEIS PRETEXTOS***

Agora percebo que fúteis pretextos me condicionaram a seguir um caminho repleto de escassezes. Desperdiçando o valor das minhas intenções confirmo que sempre fui o mesmo, salvo uma ou outra exceção, protegido ou contraindicado, frequentado ou desértico, oscilando dentro das fragilidades humanas.

contrariando-a toda vez que ela tenta me tirar a paz. Ela me faz promessas tentadoras, me oferece o que nunca senti. Ensaia um drama impuro, habita sonho e vigília, promete sair. De tão importante, fica valendo como afeto. E, todavia, anda e pesa.

***A DOR E O ENAMORAMENTO***

Essa dor que acompanha a vida de perto, estende os braços para que possa se aninhar. Está segura, presente, nos convence até a dar-lhe as boas vindas. Ao fim, quando ela se apresenta, vicia. Na casa habitada, guardam-lhe lugar à mesa. Ela deita junto, passeia pelos pátios, corredores, se mete na garganta, na coluna e nas pernas, no tumor, no nervo cansado, na gengiva, no olhar pedinte, na cama viúva, no prato escasso, na fome tanta, no orgasmo negado.

A HARMONIA

A harmonia dos sentimentos precisa ser aceita nos momentos de curar feridas. Ela me encerra na utopia, me resguarda dos enfrentamentos. Eu estou por aqui com sobras de afeto, disposição e interesse. Sempre voltado a empenhar-me, a cuidar-me dentro do que posso, acolher até fatigar a paciência alheia. Essa harmonia chega sem pedir licença, se instala e vai ficando até ser um pouco de paz.



BRINCAR DE ETERNO

Nas minhas recordações, o tempo não foge em retirada, fica um pouco mais para brincar de eterno, convidame a reinventar o prazer das promessas cumpridas, atendendo a uma convocação que mistura alguns impossíveis. Faz-se quase um sonho, cuida e ocupa a minha imaginação. Faz-me saber que sempre necessito de um aperto de mãos, um abraço que me convença e um olhar que me dê paz.

FARTO DE PRANTOS

Farto de prantos, desolado fico enquanto não cicatrizem as feridas que não fecham enquanto os sinos não parem de soar pelos inocentes mortos.



MEL E SUSTENTO

Acometido de uma aguda melancolia, recolho minha tristeza e meu insatisfeito desejo de ressuscitar aqueles que não queria mortos. Frente a minha insistência, perseguido e infeliz, fadigo meu corpo e aborreço a alma por essa dor interminável, vigilante para que os mortos se neutralizem e voltem como vivos. Alcanço pedir-lhes suas mãos para apoiar-me, suas palavras para esperar-me, suas ternuras perdidas para encontrar-me, suas peles, seus tatos, seus sorrisos como companhia, como apetência, como presença, como coroa, flor, mel e sustento.

BUSCANDO VESTÍGIOS

Busco vestígios de palavras capazes de adoçar os beijos, busco palavras que se animem, com ou sem rima instalar o mel na oferta e na procura.



ALI ESTÁ O AMOR

Sabendo ser esse o amor mais humano que eu posso dar com os ares livres e as raízes mais profundas. O meu amor é assim, vive de festas e orgulhos envolve todos os terminais de sangue e de nervos, para em seu conjunto avisar total presença.

CENA INTACTA

Deixei a casa paterna povoada de afeto. Entre cartões postais e algumas visitas ocasionais, refeito o caminho, enderecei as raízes para inventar uma forma de levar comigo algo mais que as doces lembranças. Não posso deixar de pensar que ainda sigo deixando-me levar por aqueles apetites. Sigo recuperando os cheiros da comida da minha mãe, aquela presença generosa ainda me acompanha.

A cena se mantém intacta. Vigorosa, a memória faz-me seguir entrando e saindo dali todos os dias.



PERCO O BRIO

Perco o brio quando me domina a dor, fico à mercê do desengano quando provoço o que sinto. Estou quieto diante do que não aconteceu, emboscado pelo vazio que me invade. Não encontro ânimo para manter-te na minha vida. Teus mistérios se amontoam, semeando padecimentos. Fico ofensivo a ponto de me fazer árido, nego o que por ti sinto, emprego meu melhor engano para deliberar uma fuga como epílogo.

APAGA A MEMÓRIA

Entre o que sei e o que sinto há uma aparência que ocupa um lugar nem sempre coerente com o meu corpo, nem com a forma na qual me identifico. Equivale a um espelho em que não me reconheço; um artifício, uma reminiscência que chega impondo uma nova ordem: a mudança do traço ordenada como uma reprodução, uma cópia sem a textura original. O tempo toma conta, altera as formas, apaga a memória.



O PRINCIPAL

Lenta e minuciosamente realço encantos, substituo tudo aquilo que da essência não seja o principal.

AS MÁSCARAS

Tantas máscaras, que me desmemoriei, perdi um pouco das identidades todos os dias, me desbotei. De tanto mudar, perdi o dom e a tonalidade.



PREENCHO VAZIOS

Preencho vazios com palavras, atos, sentimentos, com todas as coisas que posso fazer para que se aproximem os calores, várias primaveras, todos os sóis e algumas luas, cantos e formas.

ONDE TERMINA A VIDA

Penso que a vida não termina onde termina a vida. Inventando um jeito de partir, deixo pedaços, parte da alma escrita, parte da alma narrada. Os olhos do autor e leitor misturam-se numa forma engajada de homenagens ao encontro, fusionar vivos e mortos, escutas e falas, corpos e almas. São como viagens pelos tempos e espaços.

***DENTRO DO MEU ESPANTO***

Guardo dentro do meu espanto alguma coisa que me faça recordar quem sou. Ressuscito meus sonhos. Reinvento-me a cada decepção para diminuir os danos. Resumidos os fracassos, clamo por algum armistício.

A PRÓXIMA HORA

Ainda uso velhos argumentos, me apoio nas mesmas virtudes de sempre, me encarrego de neutralizar os exageros mais extremos para fazer jus a uma balança cravada no meu outubro. Ainda pratico o vício de ter saudades, uso lápis, borracha, me espanto enquanto cismo em recordar. Procuro um motivo antigo para manter alguma antiga alegria.

***UMA REFLEXÃO***

Há comoção no rosto que anuncia convicções. A vontade de surpreender oferece lugar às oportunidades, otimizando o gesto e aproveitando a eficiência do dar e receber. Abrem-se fronteiras com o propósito de celebrar estas tentativas.

UM NOVO ESPIRITO

Pequenos sorrisos me inspiram simpatias que reverberam. Um novo espírito inspirador me distrai da pequenez mundana. Cedo lugar à Natureza que, espontânea, se apresenta.

***TRAGO À LUZ***

Sempre pensei que a próxima solução poderia ser melhor. Comove-me a injustiça e tenho sempre o pressentimento de que o final dos injustiçados será infeliz, pois o abandono inventa alguém parecido ao humano, mais degradado, sem socorro. Gostaria de imaginar como seria se todos gemessem ao mesmo tempo o tamanho da dor.

BRINCAR COM O TEMPO

Brinquei com o tempo que dispensei fazendo dele pouco caso como se ele fosse eternamente meu. Meus finitos, cada vez menos distantes se aproximam numa velocidade que eu gostaria de frear. Nunca terei duas mortes. Por mais estranho que me pareça não me reconheço precário, frágil, insinuando que ando pensando no fim. Seria indelicado mentir e é por isso que não fico nisso. Invento futuros imagino ofertas e reconhecimentos.

***PROFUSA DOR***

Ainda que se avolume uma profusa dor que me grifa um prostrado gargalo invento crises de saudades e me paraliso em meio às dúvidas. Quero sair do molde que me aprisiona apropriado, renegado, profuso em desesperos, tentando elucidar um novo tempo que não me pertence.

VESTIDO COMO POSSO

Vestido como posso, me senti como rotina vivendo e comendo com pausas, tendo tempo para ler e sonhar, coerente em meus atos e limitado em meus desejos. Finjo não saber que a vida mudou. Meus retratos mostram alguém que não conheço, ainda tento incorporar essa nova imagem que insiste em ser eu e que avisa que o tempo passa respeitando a ordem natural das coisas. Como e onde consigo essa atualização?

***AS MINHAS SOMBRAS***

Onde andarão as minhas sombras? Esqueci que me pertenciam. Eram eloquentes no acompanhar desenhando-me na insistente duplicação, copiando todos os meus movimentos. Cansadas de me acompanharem, hoje me esperam em algum lugar qualquer. Ando ao seu alcance, ofereço recompensa.

CONTINUO

Tento um caminho, busco repetir a vida conhecida, que me faz ver estrelas, pular o muro, sair das entrelinhas. Se não fosse a lembrança, pensaria tratar-se de uma folia sem margens. Limito-me a reabilitar uma satisfação valorizada. É benigno sentir o entusiasmo, o encanto que assegura ânimos. Quero permanecer.

***A IMAGINAÇÃO***

Exalto a imaginação que reveste o prazer com ânimo, arte e elegância, leva a efeito o refinamento que beneficia a paixão, fazendo-a transgressora, livre de misericórdias, profana, sem limites, devotamente ilícita. Abrigada e exposta, a imaginação costuma precipitar sentimentos exagerados; acreditando-se privilegiada, expõe seu âmago, não tolera o silêncio que a protege, corre como suor até a superfície, transborda e tira do caminho a rotina. Subtrai fraudulentamente, extrai a dor, abriga a alegria, manifesta superabundância, matando a fome e a sede. Facetada como diamante, reflete as muitas faces deslumbradas, com honra suficiente e indícios de felicidade.

TUDO PODE

A imaginação, que tudo pode, pratica escândalos, desavergonhada pensa em tudo, faz um poema e, ao mesmo tempo, ofende. Favorece-se da natureza que a alimenta e renova. Atravessa a realidade trazendo consigo a consolação, pois represa em si todos os sonhos fabricando-os cria afeição.

***UMA DIMENSÃO***

A dimensão mais importante se revela na perda. Na tua ausência, descubro a admiração como um tributo à saudade. Este que sou persiste em aprender a legitimar-se mediante o vazio. Impotente para reinventar o tempo, deliro em uma criação que supõe o vazio, entendido como o que existe. A rigor, me conduzo em direção a todas as contradições meramente para voltar a encontrar, conceber uma repetição, negar-me a perder em definitivo, estender uma duração, dar uma resposta diferente ao destino.

MEU TOM

Embora meu tom denote desprendimento, junto todos os pedaços, me faço um pouco mais inteiro para falar e calar. Vivo inventando interlocutores não me acostumo à solidão.

***COMO MIRAGENS***

Olho as fotos do passado como miragens. Sigo impaciente chamando os antigos, aos consolos, as vozes que acalmem e convidem a que eu me acostume a ter saudades.

DESDE ONDE VEM

Desde onde vem essa tristeza que me invade de golpe sem pedir licença, se expressa impura como uma desventura? É como um mal que se intromete como se ocupara todos os espaços e estivesse eu em comum concórdia com sua impertinente presença.

***COLHER VERSOS***

Tenho andado por aí me fazendo companhia, lendo o óbito dos outros e compensando as dores que às vezes não me deixam em paz. Solenemente, tento ficar bem-disposto e, na ausência de contradições, sonho intensamente com as agitações que me deram vida, com os desafios que me inovaram com um acordar mais feliz.

OS TRAÇOS

Procuro uma solução para minhas contradições. Um caminho que diminua minha perplexidade.. As rugas seguem as mesmas, fiéis, combinadas com o tempo, afundadas no meu rosto, seu lugar natural.

***REAJÓ***

Amo enlouquecido, sem limites. Uma simples dor grava fundo, representa a tortura extrema, e um simples rechaço, um abandono total. Ausente de entrelinhas, radical, extremado, reajo com o osso.

PEDAÇOS RENUNCIADOS

Cansei de viver no regime de consultoria permanente, falta-me tempo para revelar tudo o que deixei de fazer. Devo devolver-me o terreno invadido, dar-me o direito de posse aos meus pedaços renunciados.

***A IMENSIDÃO DO DESERTO***

A dimensão do deserto é familiar: a noite carrega areia, estrelas e imensidão. Nele caminha-se sempre no oposto do conveniente. Os olhos fixos e distantes carregam um olhar, insuficiente para alcançar alguma meta. A obstinação imperativa participa do silêncio insuportável da solidão que o deserto conscientiza, sem testemunha. Tudo pode acontecer no próximo momento.

DAR POSSE

Armazeno reservas capazes de sustentar alguma necessária decisão. Computo as súplicas não ouvidas, os conflitos não resolvidos. Alego haver-me deixado banalizar em adiamentos. Quero cobrar ânimo para dar posse à resignação, tornando-a virtude.

***AS FALAS***

Minhas convicções, implico-as como compromisso de manter a esperança em tempos de decepção.

***ASSISTIR***

Abandonar a tenebrosa morada evoca acabar com isso de olhar-se ao espelho assistindo o envelhecimento lento e inexorável.

AOS RUÍDOS

Entre o quieto que nunca soube ser e o silencioso em que me transformei, habita na minha alma a ânsia de um poema que dê sentido aos ruídos.



PAZ NOS TORMENTOS

Sepultadas as possibilidades do esquecimento, ponho paz nos tormentos, afastando a ideia de que as desgraças vieram para ficar e que a desistência convence que o amor não se sustenta.

O SAL DAS LÁGRIMAS

Inunda-me o sal das lágrimas. Levo-as como se acabassem de inaugurar, reponho a tristeza aonde a decepção vem chorar, atraso o encontro até fazer-me senhor dos disfarces.



INGENUIDADE

Ingênuo, abrigo uma vida intacta, fresca, pueril como uma bem-aventurada fantasia inaugural. Um amor em desuso me faz ver a vida sem novas paixões. Embora eu tente me convencer de que a minha vida me pertence, ela passa, acontece produzida quase alheia. Assisto mais que acolho.

DEPOIS

Depois de tanto havermos amado, vivido, entregaste as queixas, nunca me deixaste saber quais. Como água de rio, fugitiva, desapareceste sucumbindo detrás de muitas silêncios, não houve tempo hábil. O pouco animo nunca construiu tudo o que o nosso encontro necessitava. Os riscos graves não aceitam cálculos, devolvem o tamanho da imprudência sem avisar, enfrentam-se a si mesmos, causam mal escondem-se como se nunca tivessem sido cuidados.



INCOGNITA

Quero o alimento que torne explícito o mundo que carrego dentro de mim. Vivo recostado no cotidiano, projetando na hora seguinte liberar um grito que mude minha vida. Distraio meus próximos minutos para tornar minha carência menos premente. Razões nunca me faltam. Elas assumem um significado definitivo quando me fazem entender que o futuro segue sendo uma incógnita.

TRANSBORDO

Transbordo nos meus amores exercidos em decorrência de pífios arranjos. Organizo gentilezas. Recolhidas as lições, invoco iniciativas, transformo-as em impactos dignos de praticar disputas, de rivalizar com as lutas, de multiplicar os desejos.



NÃO REICLÁVEL

Ostentando vazios permanentes, expus-me consciente dos riscos que crer desencadeia. Peço licença para contrariar opiniões e romper expectativas sem dar ou conceder um minuto que autorize o supérfluo a invadir meu tempo depois que o descobri um bem não reciclável.

NO RASTRO DA AMADA

Sigo no rastro da amada e não sei mais se sou eu quem segue sonhando ou se me escondo nos sonhos dela.



FAÇO A PROEZA

Vivo de inesquecíveis passagens, submeto todas elas à categoria que ameniza a dor e as exalta. Acabo em um enredo que tenta ensinar-me uma tolerância estendida.



EM DESUSO

Posso ficar em silêncio como uma pessoa em desuso, acostumar-me a tudo, mas, precisarei adotar uma paciência que nunca tive. Nessa volátil atmosfera, não pretendo deixar marcas inamistosas, mas não estou seguro de conseguir.

AGUARDO

Aguardo um momento propício para salvaguardar o espanto que me causa o abuso de poder. Tento ajustar no foro íntimo. Uma tolerância esgotada ainda fecunda advertências. Recuso-me a conceder esta tolerância, um pedido de paciência no meio do desespero.



INVENTO DIÁRIO

Faço da vida um invento diário. Como personagem secundário, oculto a fonte sem deixar vestígios dos caminhos percorridos. Neles, suaves emoções relembram afagos sensatos. Conduzo-me tentando um equilíbrio. Quero assinar um contrato que me vincule à terra onde nasci, indispensável origem.

CONGELO O PASSADO

Senti que sobre aquele momento depositava muitas outras coisas. Impossível reconhecer o lugar; ainda que o lugar fosse o mesmo, o tempo era outro. Acostumado a preencher as coisas ausentes, forcei um cuidado insuficiente, alimentando uma melancolia que faz anos não se move do lugar. Imagino, conheço todos meus inventos, reconheço meus sentimentos, cultivo essa intimidade como se pudesse guiar meu destino como um maestro. Tento devolver-me a um sentimento primordial. Aplicando o recurso de alternar memória e esquecimento, vou levando a vida. Congelo o passado como eterno, esquecido de que as lembranças são antigas e a memória esquece.



DOCUMENTADO

Entusiasmado com a vida comum, me distraio com o que vejo e tento dar um lugar e uma direção para esses sentidos que fizeram de mim um mortal documentado.

CONFORME A HORA

Tenho um amor que se manifesta conforme a hora, que desobedece o relógio, o previsto, a razão, que inventa uma ordem onde a desordem desfaz.



VISTA PLENA

As precipitações, os improvisos, as compulsões, todas reunidas me dominam em manifestações sem medida. Vejo-me, então, perdendo a razão, desviando os sentidos, o que me habita e que nem sempre domino. Tomei as feições que o tempo me impôs sem escolha. Não contente, ele tomou-me alguns direitos, cassou-me a tolerância e a vista plena.